

# QUANDO OS FILHOS DIZEM ADEUS: A PERCEPÇÃO SOBRE A MORTE E O PROCESSO DE LUTO DOS PAIS QUE PERDERAM SEUS FILHOS EM SITUAÇÃO DE TRAGÉDIA

Kauê Sandielly Cipriani\*

Carmen Lucia Arruda de Figueiredo D'Agostini\*\*

## Resumo

A morte ainda é vista como uma incógnita, rodeada de crenças e paradigmas da sociedade moderna. As palavras morte, morrer e luto remetem de imediato a sentimentos de dor, fracasso e solidão. Aprender a aceitar e a conviver com a morte e o morrer é essencial para a saúde mental da população como um todo, portanto, torna-se necessário que esse processo, embora doloroso, seja discutido de modo natural entre todos. O principal objetivo nesta pesquisa foi discutir a percepção sobre a morte e o processo de luto como resposta natural ao ciclo de vida humano. Concomitante a esse fator, ocorreu o levantamento de dados, por meio de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo. Os sujeitos participantes deste estudo foram cinco pais e quatro mães, totalizando uma amostra de nove sujeitos de pesquisa, sendo estes membros da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM). O requisito de inclusão na pesquisa foi o de que esses pais tivessem perdido seus filhos em decorrência do incêndio na Boate Kiss em 27 de janeiro de 2013. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista contendo 16 questões abertas e fechadas. Com o resultado da pesquisa, ficou evidente que a morte é vista como um ciclo, o qual as pessoas que partiram já concluíram, e, ainda, entende-se o processo de luto não somente nas fases e estágios comumente são descritos na literatura, mas, como um amplo conjunto de reações físicas e psicológicas que passa a influenciar a vida pessoal, familiar e social do enlutado.

Palavras-chave: Morte. Processo de luto. Pais enlutados. Tragédia.

## 1 INTRODUÇÃO

“Você não pode evitar que os pássaros da tristeza voem sobre sua cabeça, mas pode evitar que eles construam ninhos em seus cabelos.” (Ditado chinês)

Não há como falar em morte sem que o assunto desperte o imaginário popular, pois se cresce acreditando erroneamente que a morte é um assunto um tanto quanto “proibido”. Evita-se falar dela, senti-la e tão pouco se busca aprender sobre ela. É sabido que quando a morte chega é capaz de desequilibrar até o mais equilibrado dos homens, trazendo consigo dor e sofrimento.

A morte de um filho é sentida e descrita pelos pais como algo dilacerante. Perde-se o controle sobre o futuro, planos, expectativas e sonhos e desestabiliza-se a idealização de realização pessoal que esse filho estava designado a alcançar. Silva (2013, p. 5) salienta que “[...] quando morre um filho, morre em nós o futuro previsto junto àquele filho, o sonho de vê-lo profissional, pai de nossos netos, a pessoa que nos acompanharia até o fim de nossa vida.” Essa ruptura nos laços afetivos induz a sensação de injustiça porque faz com que os pais enfrentem prematuramente o dilema da perda, que contradiz a ordem da natureza humana; espera-se que ao se despedir de alguém, estes sejam avós ou pais, não se imagina lidar com a perda abrupta de uma vida precoce, repleta de oportunidades. Dessa forma, estudar o luto vivenciado pelos pais torna-se relevante dentro da comunidade acadêmica, visto que há escassez de estudos sobre a temática, visando um melhor acolhimento aos envolvidos nesse processo. Objetivou-se, com o proposto artigo, identificar a percepção sobre a morte e o processo de luto dos pais que perderam seus filhos em situação de tragédia.

\* Graduanda do Curso de Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; kaah\_cipriani@hotmail.com

\*\* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Especialista em Psicopedagogia; Professora Orientadora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; Rua Getúlio Vargas, 2125, Flor da Serra, 89600-000, Joaçaba, Santa Catarina; carmen.dagostini@unoesc.edu.br

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 PAIS E A DOR DO LUTO

Na sociedade atual, é possível observar as inúmeras mudanças que estão ocorrendo drasticamente, como o acentuado avanço da violência urbana, do uso e abuso de drogas e álcool, e, por conseguinte, de acidentes fatais, o que contribui para o acentuado descaso com a vida, seja este em qualquer faixa etária. As perdas ficaram cada vez mais escancaradas e o desrespeito com a vida e com o próximo passaram a ser presentes no nosso cotidiano.

Neste cenário da sociedade moderna, muitos jovens perdem a vida precocemente, o que configura uma série de fatores, aos quais os pais, despreparados, muitas vezes não conseguem enfrentar. Freitas (2000), ao descrever sobre a morte de um filho adulto jovem, afirma que esta perda é encarada como uma tragédia tanto para a mãe quanto para o pai e produz grande tristeza e pesar. Nesse viés, Bromberg (1997) refere que existe um tipo de perda de difícil recuperação em comparação às demais, e também causadora de problemas familiares que podem ter impacto até trigeracional: a perda de um filho. Para Casellato e Motta (2002 apud PASSARO; GERARDI, 2006), dos vários tipos de perda que ocorrem no decorrer da vida, a morte de um filho é reconhecida socialmente como a mais intensa, algo inigualável. Quando a mãe, em especial, perde o filho, vive um fracasso social e sente-se cobrada em seu contexto social, como se tivesse falhado em sua função materna de proteger e garantir a sobrevivência do filho a qualquer custo.

A morte de um filho pode causar grande impacto na estrutura e funcionamento familiar. Para Bromberg (1996, p. 116), “[...] a morte de um filho tem efeitos sobre o sistema familiar. O luto dos pais é frequentemente misturado com a raiva, culpa e auto-reprovação por sua inabilidade em impedir a morte, bem como a sensação de estarem sendo vítimas de uma injustiça”; ainda, de acordo com Silva (2009), a família passa por um processo no qual os sonhos e planos futuros são interrompidos abruptamente, e em decorrência disso, a depressão e o desinteresse pela vida aparecem de forma bastante acentuada em alguns pais. Respectivamente, Viorst (2004 apud PASSARO; GERARDI, 2006) relata que a perda de um filho é sentida como um golpe, levando os pais a se perguntarem: como continuar a viver diante desse doloroso fato?

Não há uma resposta, nem tampouco algo que se possa fazer para que esse processo de perda seja diminuto ou fácil de ser enfrentado. A família necessita de apoio e compreensão para que com o tempo os pais possam conviver com essa perda, de modo que não haja mais sofrimento intenso, mas apenas boas lembranças do filho que precocemente partiu. Nesse contexto, Sanches (2012, p. 55) salienta que:

Atualmente não há porque entender o luto como algo que leve os pais e as pessoas em geral a um sofrimento tal que os impeça de retomar a vida profissional, seus relacionamentos, seu comportamento comum. Sabe-se que, como um processo, o luto se completa ao longo de certo tempo e de adaptações internas. Lutos que podem levar os indivíduos a interromperem também suas vidas, acarretando prejuízos nos relacionamentos, na vida profissional e afetiva, podem ser tratados para que se devolva à pessoa condições de sobreviver de forma satisfatória àquela perda desestruturante.

Entre os tipos de luto existentes, o luto complicado aparece de forma marcante quando envolve pais e filhos, e, segundo Rando (1998 apud SILVA, 2009), a morte de filhos na atualidade vem sendo um fator de alto risco para o desenvolvimento de um luto complicado, visto que o luto vivido pelos pais é particularmente severo. Comparando-o a outros tipos de luto, este possui características mais complicadas e demoradas para a sua elaboração, fazendo com que os sintomas em decorrência da perda perdurem por mais tempo.

As famílias costumam passar por um período de turbulência após uma perda, por ser esse um período marcado por constantes crises, diante da necessidade de adaptação à nova realidade. É comum que ocorra o surgimento de sentimentos intensos de tristeza, decepção e sensação de abandono em toda a família (SILVA, 2009). Esses sentimentos são muitas vezes vivenciados intensamente pela primeira vez durante o período do luto, o que dificulta seu entendimento e resolução, visto que a família nunca havia vivenciado a dor de forma tão avassaladora, o que faz surgir, além desses sentimentos, o medo e a sensação de impotência diante do ocorrido.

## 2.2 SITUAÇÕES DE TRAGÉDIA

Tragédias, emergências e desastres são conceitos pouco explorados dentro da ciência psicológica, mas aos poucos vêm ganhando espaço neste campo de estudos. Melo e Santos (2011, p. 170) destacam que “[...] desastres, tragédias catástrofes sempre foram usados como sinônimos, referindo-se a eventos destrutivos, tanto no âmbito individual quanto coletivo.” Cabe ressaltar que, conforme vêm ocorrendo mudanças acentuadas no que remete ao comportamento humano, surge paralelo a esse fator a preocupação com as vítimas desse novo cenário social.

De acordo com Barrenechea (2013), a palavra tragédia comumente refere-se a algo temido e quando pronunciada alude a situações extremas, como catástrofes, perdas e destruição e ao inevitável. Inúmeras vezes ela invoca a dor e a morte, que geralmente incide de forma súbita, violenta e inesperada.

Nesse viés, Parkes (1998) resalta que as pessoas enlutadas que mais procuraram ajuda psiquiátrica após uma perda haviam sido aquelas que sofreram perdas traumáticas e incomuns. Mortes repentinas e inesperadas, perdas múltiplas, mortes violentas e mortes envolvendo ação humana (suicídio, assassinato, etc.) representam um risco especial à saúde mental dos enlutados.

Recentemente, há maior destaque às nomenclaturas emergências e desastres, em razão da criação do novo campo de atuação denominado Psicologia em Emergências e Desastres, que nasceu da necessidade de atender à demanda que surgiu entrelaçada ao sofrimento em massa que essas situações incitam. Ainda de acordo com a Associação Brasileira de Psicologia nas Emergências e Desastres (ABRAPEDE) (2012), a missão da Psicologia das Emergências e Desastres é:

Promover mudanças na sociedade que busquem atenuar o sofrimento originado por emergências e desastres e gerar cuidados às pessoas, comunidades, órgãos, instituições e entidades de respostas, envolvidos ou afetados por qualquer tipo de emergência ou desastre, buscando estratégias para contribuir, acompanhar e interferir no desenvolvimento das políticas públicas ligadas ao tema.

De forma mais minuciosa, Bruck (2007) designa a psicologia das emergências como um tema de angústia pública, no sentido de que esta gera sentimentos difusos de mal-estar, que são originários de acontecimentos públicos traumáticos, chamados estressores, como os acidentes de trânsito e aqueles provenientes das demais situações-limites de violência urbana de modo geral.

Assim, denota-se a importância do trabalho, por parte do psicólogo, de prevenção, preparação e acolhimento diante desses eventos, já que estes afetam em demasia a população, que é envolvida de forma despercebida pela mídia. Frente a isso, Melo e Santos (2011) corroboram ao afirmar que uma das características dos desastres atuais é que estes, em razão do avanço da tecnologia, já não são sofridos apenas por uma comunidade específica, mas por toda uma nação e até por todo o mundo, pela rápida difusão dos meios de comunicação, principalmente a Internet.

## 2.3 ESTÁGIOS DE REAÇÃO À PERDA

O processo de luto é complexo, doloroso e abrange uma série de fatores que interferem na vida pessoal, familiar e social dos enlutados. Se esta é uma experiência tão devastadora, como nos recuperaremos dela? Existem estudos que apontam estágios/fases necessários para a elaboração do luto desde o primeiro momento da perda até o seu desenrolar final, sendo Elisabeth Kübler-Ross e John Bowlby autores-referência no assunto abordado.

Em sua obra intitulada *Sobre a Morte e o Morrer* (2012), Kübler-Ross causou impacto ao escrever sobre sua experiência e o cuidado a pacientes enfermos em fase terminal da vida. A partir desse estudo, a autora desenvolveu cinco estágios pelos quais os pacientes terminais passavam, assim como sua família após a perda de seu ente querido; esses estágios são: a negação e o isolamento, que constituem o primeiro estágio; a raiva, que pode ser observada no segundo estágio; a barganha, compreendendo o terceiro estágio; a depressão, presente no quarto estágio; e, por fim, a aceitação, que configura o quinto e último estágio descrito pela autora.

Assim como Kübler-Ross, as fases do luto descritas por Bowlby (2004) trazem grandes contribuições para que se possa entender mais sobre o processo de elaboração do luto, e apesar da nomenclatura diferente nos processos,

ambos possuem significados muito parecidos, e os autores parecem concordar no que diz respeito aos processos vividos pelos enlutados e na maneira como eles acontecem. Assim como nos estágios descritos por Kübler-Ross, as fases de Bowlby podem acontecer alternadas e variando em sua intensidade.

Ao analisar os estudos realizados com viúvos por Parkes (1974), Bowlby (2004) propôs a existência de quatro fases distintas durante o luto, podendo ser observadas em quaisquer tipos de perda. A primeira fase o autor denominou fase de entorpecimento e choque, a fase seguinte é a de anseio e busca da figura perdida: raiva, a terceira fase é a de desorganização e desespero, e, por fim, a última fase é a de reorganização.

As fases do luto de Bowlby (2004) diferem-se das de Kübler-Ross (2012) apenas em uma fase e em sua nomenclatura, já que a última autora descreve cinco estágios e Bowlby, apenas quatro fases. Porém, eles convergem nos sentimentos e aflições vividos pelos enlutados, cada qual a seu modo. Embora não menos dolorosos, esses estágios/fases do luto configuram parte fundamental da elaboração do luto, desse modo, precisam ser respeitados para que resultem em uma elaboração saudável, evitando um processo de luto patológico, para que o luto seja vivido da forma menos dolorosa e angustiante possível.

### 3 MÉTODO

A pesquisa realizada configurou-se como descritiva de cunho qualitativo; segundo Gil (2010), esse tipo de pesquisa tem como finalidade descrever características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como o questionário e a observação sistemática. A pesquisa qualitativa, de acordo com Duarte (2014), é traduzida por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Nesse contexto, quando se trata do sujeito, consideram-se seus traços subjetivos e suas particularidades. Esse tipo de pesquisa estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão, além de valorizar aspectos tidos como relevantes, como opiniões e comentários do público entrevistado.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2014 e contou com uma amostra de nove participantes no total, sendo estes cinco pais e quatro mães em processo de luto, residentes da cidade de Santa Maria, RS. O requisito de inclusão na pesquisa foi de que estes pais tivessem perdido seus filhos em decorrência do incêndio na Boate Kiss em 27 de janeiro de 2013 e que participassem ativamente da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM).

Para a realização da pesquisa, utilizou-se uma entrevista contendo 16 questões abertas e fechadas, a qual foi aplicada pela pesquisadora de maneira individual aos pais, tendo duração de 20 minutos a 1h30min. As entrevistas aconteceram na sede da AVTSM, na vigília montada no centro da cidade e na empresa de três dos entrevistados.

O passo inicial ocorreu por meio do contato da pesquisadora com a AVTSM, feito por telefone e posteriormente por *e-mail*. Após esse contato, foi agendado um encontro inicial para esclarecimentos da pesquisa e apresentação dos pais e da acadêmica. Antes da entrevista acontecer, foi entregue a cada participante um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual foi devidamente assinado, permanecendo uma cópia com o participante e outra com a pesquisadora. No momento seguinte ocorreu a entrevista, na qual os participantes ficaram a vontade no caso de não desejarem responder a alguma pergunta ou de se sentirem desconfortáveis diante desta.

Em um momento anterior à coleta de dados, a secretária da AVTSM conversou com alguns pais que se disponibilizaram a participar da pesquisa voluntariamente, porém, dos 16 participantes, apenas nove concordaram em participar no dia que a pesquisa aconteceu. Uma mãe havia mudado de cidade, uma não concordou em participar da entrevista com a justificativa do mal tempo no dia e se prontificou a participar em outro momento, e com os cinco demais não foi possível o contato.

As informações foram coletadas por meio da gravação dos encontros e da transcrição dos relatos, sendo utilizados como material: gravador, folhas, lápis e caneta. Concluídas essas etapas, iniciou-se a elaboração da análise de dados.

O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa CEP da Universidade do Oeste de Santa Catarina Unoesc de Joaçaba e aprovado sob o número do Parecer 725.974.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir será apresentada a análise e os resultados da pesquisa.

### 4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SUJEITOS

Para melhor conhecimento, a Tabela 1 apresenta as características gerais (idade, estado civil, filhos, escolaridade e religião) dos sujeitos participantes da pesquisa. Com a finalidade de facilitar o entendimento, os pais foram representadas no decorrer do texto pela letra P e as mães, pela letra M.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos entrevistados

Sujeitos	Idade (anos)	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Religião
P1	50	Casado	2	Médio completo	Ecumênico
P2	50	Casado	3	Superior completo	Espírita
P3	51	Casado	2	Médio completo	Espírita
P4	53	Casado	2	Médio completo	Católico
P5	59	Casado	2	Superior completo	Católico
M1	36	Solteira	2	Superior incompleto	Ateia
M2	43	Casada	3	Superior completo	Espírita
M3	50	Solteira	3	Médio completo	Evangélica
M4	64	Casada	4	Superior incompleto	Ecumênica

Fonte: os autores.

Na Tabela 1, fica perceptível que houve maior adesão à pesquisa por parte dos pais. A faixa etária dos sujeitos da pesquisa variou entre 36 e 64 anos, fator que pode ter influência sobre a quantidade de filhos que esses sujeitos têm e, ainda, a idade com que o filho faleceu (adolescentes e jovens). Segundo Bowlby (2004), em termos de números, não há dúvida de que um número maior de mulheres do que de homens sucumbe ao luto patológico, porém, esse dado não pode ser tomado como absoluto. Worden (2013) atenta que o luto pode ter mais relação com aspectos sociais do que com alguns aspectos intrínsecos às diferenças genéticas. Bowlby (2004) ainda conclui que as evidências quanto aos efeitos da perda de um filho são igualmente incertas, há inúmeras razões para acreditar que os pais podem ser tão dolorosamente afetados quanto as mães.

Todos os sujeitos do sexo masculino entrevistados são casados, enquanto duas mulheres são casadas e outras duas solteiras, sendo este um possível fator complicador no processo de luto. De acordo com Bowlby (2004), todos os estudos mostram que a boa ou a má evolução do luto depende, em grande parte, das relações dos pais. Quando eles podem partilhar o sofrimento pela perda, mantendo-se unidos em cada fase, transmitindo conforto e apoio um ao outro, acabam tornando o resultado de seu luto favorável. Quando, ao contrário, os pais estão em conflito e não há apoio mútuo, a família pode desmoronar. Na fala do P4, nota-se a dificuldade em compartilhar e superar a dor da perda por muitos casais que faziam parte da Associação:

[...] houve pontos negativos de famílias se separando por não conseguir tratar, não conseguir junto lutar pra vencer né, a gente sabe que o marido chegava em casa e ia direto pro quarto e não falava com a mulher, então aquilo foi ficando uma situação insuportável né, umas quantas famílias aí que os pais se jogaram na bebida né, tentando buscar a solução na bebida, então nos entristece bastante essa parte aí porque a gente sabe que é uma dor terrível né, e os pais além de passar por tudo isso aí né, e o próprio filho que perdeu um irmão, perdeu uma irmã e ainda perde o pai, então essa tragédia teve consequências, assim, que não são contabilizadas ainda pelos outros, a gente tá enxergando, tá vendo o que tá acontecendo, mas as pessoas não veem [...] porque por trás dessas 242 vítimas aí diretamente da Kiss, teve várias outras que aí tiraram a vida em relação a não suportarem a perda pelas pessoas aqui né [...] (informação verbal).

No que se refere à religião, esta surge como ponto positivo na fala dos entrevistados, a qual desempenha o papel fundamental de conformar e confortar. Segundo Walsh et al. (2002 apud CARVALHO, 2006), as pessoas que pos-

suas crenças religiosas, em situações de luto, superam e completam mais rapidamente o processo do que pessoas que não possuem tais crenças. Verifica-se na fala da M2 tal influência positiva: “[...] eu, pra mim, a religião é fundamental sabe [...] eu dedico o meu sábado todinho ao centro espírita [...] já recebi mensagem dele sabe, e isso conforta [...] ter a visão de que ele continua vivo pra mim é, sabe, que eu não vejo, mas sei que ele tá por perto, e isso é muito bom pra mim.” (informação verbal).

Contrariamente às respostas positivas dos entrevistados em relação à doutrina espírita, Parkes (2001 apud WORDEN, 2013, p. 22) descreve sobre o espiritismo em suas pesquisas:

O espiritismo afirma ajudar pessoas enlutadas na procura pela pessoa morta, e sete dos indivíduos enlutados incluídos nos meus diversos estudos referiram visita a sessões espíritas ou a templos espíritas. Suas reações foram mistas – alguns sentiram que obtiveram algum tipo de contato com a pessoa morta e alguns ficaram assustados com isto. No geral, essas pessoas não ficaram satisfeitas com a experiência e nenhuma delas se tornou participante regular de reuniões espíritas.

Para Kübler-Ross (2012), na negação, primeiro estágio do luto, quando não se consegue enfrentar os acontecimentos, há uma revolta contra Deus e contra as pessoas que se julga serem culpadas pela morte. Em consonância a isso, a M3 discorre sobre a religião:

[...] eu briguei com Deus durante uns três quase quatro meses [...] eu perguntei assim: onde o senhor estava? Não é o todo poderoso, faz tudo, fez o mundo, fez tudo e porque que deixou pegar fogo? Por que que não apago o fogo quando começou? Tavam morrendo pessoas inocente, não tavam morrendo marginais [...] aí eu me perguntava, Deus porque você fez isso? Mas eu não tinha resposta, eu briguei bastante, agora eu pedi perdão pra ele, eu acho que todas as mães, não teve uma que não brigou com Deus, duvido [...] (informação verbal).

De modo geral, o apoio da família e da religião para com esses pais se constitui como um aspecto primordial para o bom desenvolvimento do processo de luto. É notável que, mesmo diante da perda irreversível, os pais conseguem aos poucos retomar e ressignificar a sua vida, fortalecendo os vínculos pessoais, familiares e sociais.

## 4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS LOGO APÓS A NOTÍCIA DA PERDA

Na Tabela 2 é possível perceber os aspectos que envolvem os sentimentos após a notícia da perda e é perceptível que o sentimento que mais se sobressaiu nas respostas dos pais e mães entrevistados foi a não credibilidade, ou seja, houve a negação de que a morte de fato havia ocorrido.

Tabela 2 – Caracterização dos sentimentos logo após a notícia da perda

Sentimentos	Pais	Mães
Negação	5	4
Desespero	1	1
Dor	2	1
Não respondeu	0	1

Fonte: os autores.

O sentimento de negação corresponde ao que propõe Kübler-Ross (2012) ao descrever o primeiro estágio ao qual as pessoas passam quando tomam consciência da perda, o estágio da negação e isolamento, o qual funciona como um para-choque após notícias inesperadas e chocantes, sendo comumente utilizado como uma defesa temporária. Para Bowlby (2004), a negação ocorre na fase de entorpecimento, a primeira descrita por ele, na qual a pessoa enlutada sente-se chocada e incapaz de aceitar a notícia. Fato que vem ao encontro do relato da M1 “[...] de não ter acreditado, foi um sentimento que eu não acreditei de ter perdido a minha filha [...] não acreditei que aquilo tava acontecendo [...]” (informação verbal).

Observa-se a negação presente na fala dos pais, assemelhando-se ao discurso das mães; o P2 discorre: “[...] sentimento de que não era comigo que tava acontecendo e fui eu que identifiquei ele lá [...] e as pessoas sempre pensam, isso não vai acontecer com a gente.” (informação verbal).

Em contrapartida, fica evidente que a revolta e a dor emergem como sentimentos presentes mais nas falas dos pais. A raiva configura o segundo estágio descrito por Kübler-Ross (2012), é nele que surgem os sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento. De acordo com a referida autora, Bowlby (2004) acredita que na segunda fase descrita por ele, de anseio e busca da figura perdida: raiva, esta é provocada, ao que parece, tanto pelos que são considerados responsáveis pela perda quanto pelas frustrações enfrentadas durante esse período, conforme apresentado pela fala do P3: “[...] da gente não poder né, proteger os filhos, essa dor, essa amargura muito grande, depois revolta [...] revolta contra todo o sistema né [...]” (informação verbal). Explorando os demais sentimentos descritos, os quais englobam esse segundo estágio/fase, o P1 discorre sobre a esperança de encontrar a filha com vida “[...] eu demorei até o último minuto, que eu tinha esperança de achar ela no hospital [...]” (informação verbal). A respeito desse sentimento, Bowlby (2004) relata que durante essa fase inicial do luto é comum à pessoa enlutada encontrar-se em um estado confuso, isso ocorre quando de um lado existe a crença que a morte tenha ocorrido e de outro, a descrença acompanhada da esperança de que tudo ainda venha a estar bem. Ao descrever sobre a esperança, Kübler-Ross (2012, p. 143) ressalta que “[...] a única coisa que geralmente persiste, em todos estes estágios, é a esperança.”

A respeito da dor descrita pelos pais, e de outras reações comumente presentes no processo de luto, Parkes (1998, p. 62) cita que “[...] o traço mais característico do luto não é a depressão profunda, mas episódios agudos de dor, com muita ansiedade e dor psíquica. Nessas ocasiões, o enlutado sente muita saudade da pessoa que morreu e chora ou chama por ela.” Na fala do P3 isso é perceptível: “[...] é uma dor no coração, como se alguém tivesse te rasgado ele, tivesse cortado ele [...] essa dor, essa amargura muito grande [...]” (informação verbal).

Negação, desespero, dor, revolta, impotência, pavor, surpresa, assim como demais sentimentos surgem entrelaçados e motivados pela perda. As aflições e sentimentos descritos, embora dolorosos e dilacerantes, configuram parte fundamental para o desenvolvimento do processo de luto saudável, já que estes são vivenciados ainda nos primeiros estágios/fases.

#### 4.3 CARACTERIZAÇÃO DAS ALTERAÇÕES FÍSICAS, PSICOLÓGICAS E COMPORTAMENTAIS ADVINDAS DA PERDA

Na Tabela 3 é possível perceber que a maioria dos pais e mães entrevistados apresentou a ocorrência de alterações físicas significativas após a perda.

Tabela 3 – Caracterização das alterações físicas advindas da perda

<b>Alterações Físicas</b>	<b>Pais</b>	<b>Mães</b>
Sim	4	3
Não	1	1

Fonte: os autores.

Apesar da resposta negativa diante da pergunta, no decorrer da fala o P5 se contradiz, “[...] às vezes tem dias que tenho dificuldade pra dormir, mas não assim contínuo [...]” (informação verbal).

De acordo com Worden (2013, p. 4), algumas reações físicas são comumente sentidas pelas pessoas enlutadas no seu curso normal do luto, entre elas estão:

Vazio no estômago, aperto no peito, aperto na garganta, hipersensibilidade a ruídos, sensação de despersonalização, falta de ar, dificuldade em respirar, fraqueza muscular, falta de energia, secura na boca, descrença, confusão, distúrbios do sono, distúrbios de apetite. Além destes, incluem comportamentos como isolamento social, sonhos com o morto, choro, visita a locais ou carregar objetos que lembrem a pessoa morta, assim como sentimentos de tristeza, raiva, culpa e autocensura, ansiedade, saudade, entre outros.

Do mesmo modo, Freitas (2000) afirma que a pessoa mentalmente sadia pode tolerar certa depressão e desorganização diante da morte de uma pessoa querida, vivenciando e superando esse processo de forma gradual e lenta. Na afirmação de Parkes (1998 apud ALENCAR, 2006, p. 33) isso fica claro:

[...] todos aqueles que amaram e estabeleceram um vínculo, biológico ou não, invariavelmente, manifestarão as expressões do luto, de diversas maneiras e intensidade, com a vivência do sofrimento, a ansiedade, as lembranças, o choro, a saudade, os sonhos, o repassar das vidas em comum inúmeras vezes em sua mente, na tentativa desenfreada de modificar o final, como se houvesse possibilidade de controle da situação e condições plenas de modificar os fatos. Cada um a seu modo escolherá um caminho a seguir, sem a pessoa de suas relações afetivas.

Corroborando a literatura, os sintomas físicos que mais se sobressaíram nas respostas foram:

- a) alterações no apetite: um pai e uma mãe relataram emagrecimento, enquanto uma mãe engordou;
- b) alteração no sono: dois pais e duas mães relataram apresentar dificuldade para dormir;
- c) sonhos: todos os cinco pais e as quatro mães relataram sonhos com os filhos, apesar de pouco frequentes;
- d) guardar objetos: cinco pais e três mães relataram que mantiveram consigo objetos e o quarto que pertencia ao filho;
- e) tristeza: dois pais e uma mãe relataram sentir tristeza;
- f) culpa: três pais e duas mães relataram sentir culpa em algum momento, depois da morte do filho;
- g) ansiedade e desconforto: um pai e quatro mães relataram sentir ansiedade e/ou desconforto quando falam do filho falecido;
- h) saudade: dois pais relataram sentir saudade ao falarem do filho.

Quando questionada sobre possíveis alterações físicas após a perda, a M3 discorre:

Me apareceu um monte de coisa, um monte de coisas erradas, sintomas errados [...] eu tive já um começo de enfarte, eu já tive embolia pulmonar, eu já perdi a respiração, já perdi a voz, eu tive convulsão por causa do remédio que eu parei de tomar uns 14 dias, aí fui parar na UTI, fiquei cinco dias na UTI, coisa que nunca tinha me dado, eu nunca tomei remédio pra depressão, eu nunca tomei nada, nada na vida de remédio pra depressão, agora eu tenho que tá tomando essas coisa [...] é meio complicado [...] aí deixei de me arrumar, engordei em função de remédio e soro que eu tomei [...] eu tenho ansiedade, eu como, como e como sabe, e engordei e fiquei assim e não tô nem aí sabe [...] (informação verbal).

Worden (2013) relata que os distúrbios de apetite podem se manifestar tanto no comer excessivo quanto na perda de apetite, porém, este último é mais comumente encontrado em pessoas as quais o processo de luto encaminha-se para um desfecho normal. O P1 relata “[...] hoje eu como menos, eu emagreci, é [...] a minha vida perdeu o sentido das vontades que eu tinha [...] a única coisa que eu quero é viver em paz e tentar viver feliz [...]” (informação verbal).

Não é incomum que as pessoas que estejam nos estágios/fases iniciais do luto vivenciem distúrbios do sono, os quais podem incluir dificuldades para dormir ou acordar pela manhã. No luto normal, os distúrbios do sono tendem a se corrigir sozinhos, entretanto, se persistirem, podem ser indicativos de transtorno depressivo sério. Os distúrbios do sono podem simbolizar alguns temores do enlutado, incluindo o medo de sonhar, de estar na cama sozinho ou de não acordar (WORDEN, 2013). Na fala da M1 fica visível a alteração na qualidade do sono em decorrência da perda, “[...] eu já fiquei quatro dias sem dormir e hoje eu só durmo com medicamento e às vezes eu acordo muito cedo, tipo quatro horas eu acordo [...] dói o corpo, eu sinto dor no corpo, só que parece que se eu fechar os olhos pra dormir minha cabeça não para.” (informação verbal).

Quanto aos sonhos, Bowlby (2004) discorre que se neles a pessoa falecida permanece viva, acabam por proporcionar uma sensação de consolo, é comum que nesses sonhos típicos e reconfortantes a pessoa morta seja vista jovem, saudável e executando atividades cotidianas e tranquilas. O fato de a pessoa enlutada experimentar conforto

ou não com esses sonhos parece um indício fidedigno do curso favorável que o luto está tomando. De acordo com o P3, “[...] no início sonhava bastante, eu sonhava direto, agora eu rezo pra sonhar, mas não sonho, parece que ele queria me confortar naqueles sonhos eu acho [...]” (informação verbal). Assim como na fala da M2: “[...] sonho ainda sempre, sempre o jeito dele, dessa última vez eu até consegui encher ele de beijos.” (informação verbal).

Para Silva (2011), a negação da morte pode ocorrer em situações nas quais os objetos da pessoa morta são deixados por muito tempo nos mesmos locais, como se ela fosse utilizá-los. Em muitos desses casos, o quarto do falecido permanece intacto por diversos anos. Porém, é imprescindível ressaltar que esse tipo de atitude pode ser considerado normal nos primeiros tempos de luto, chamando a atenção como algo patológico apenas se permanecer por um tempo prolongado. A fala do P4 ilustra a ideia da autora:

Lá em casa o quarto dela permaneceu intacto, como se ela tivesse saído e fosse chegar, o roupeiro do mesmo jeito e a cama, o painel de fotos que tinha lá entende, se mantém as fotos dela, tudo como estava em cima dos cômodos da própria sala, como se ela estivesse ali [...] a gente sabe que tem uma hora que outra, a gente vai ter que dar, então é esperar, é saber a hora que acontecer [...] (informação verbal).

Do mesmo modo, M1 discorre sobre o quarto e os pertences da filha falecida: “[...] eu desmontei o quarto dela e levei as coisas dela tudo pro meu quarto, pra ela ficar perto de mim, era a maneira que eu tinha pra ter ela mais próxima a mim, as roupas dela do lado das minhas.” (informação verbal).

Na fase de anseio e busca da figura perdida: raiva, pode haver momentos em que a pessoa enlutada tente livrar-se daquilo que lembra a pessoa falecida, podendo oscilar entre atribuir grande valor a essas lembranças e desfazer-se delas, entre receber bem a oportunidade de falar do morto e rezear essas ocasiões, entre procurar os lugares onde estiveram juntos e evitá-los (BOWLBY, 2004). Esse comportamento fica claro na fala da M3: “[...] eu mudei de casa e eu dei tudo que era dele pros irmãos dele, fiquei só com algumas coisas dele lá guardadas assim, camiseta, toalha de banho dele, que ele mais gostava [...]” (informação verbal).

Ao discorrer sobre os sentimentos característicos do luto normal, a tristeza aparece como primeiro sentimento para Worden (2013), segundo ele, esse é o sentimento mais comumente presente nos enlutados, o qual não se manifesta, necessariamente, pelo choro, mas este aparece com frequência. Não obstante, Bowlby (2004, p. 279) denota que “[...] a tristeza é uma reação normal e saudável a qualquer infortúnio. A maioria, se não todos, dos episódios mais intensos de tristeza é provocada pela perda.” Na tentativa de bloquear a tristeza, muitos enlutados envolvem-se em atividades excessivas, apenas para descobrir que a tristeza retorna à noite. Na fala do P4:

[...] eu sempre lembro durante todo o dia, mas é durante a noite que a coisa fica delicada porque é que em casa, na nossa sala, nós temos dois *banners* grandes com a foto dela que nós usamos quando saímos pra alguma homenagem, então a gente deixa aberto na nossa sala, e eu sempre sou o último a me recolher né, então eu começo olhar [...] (informação verbal).

A M2 relata sobre o sentimento que a acompanha quando fala da perda: “[...] é uma tristeza né, a gente fica com a voz meio [...] dá muita tristeza na gente, é porque a gente não quer acreditar né, porque tu imagina um guri de 20 anos né, cheio de vida, alegre e de repente.” (informação verbal).

A culpa surge quando a pessoa enlutada acredita erroneamente que poderia ter feito algo que modificasse ou evitasse a morte. Para Worden (2013), a culpa se manifesta em torno de algo que aconteceu ou foi negligenciado na época da morte, comumente, a culpa é irracional e se atenua com um “teste de realidade”. O P1 relata sobre o seu sentimento de culpa:

Muito tempo eu fiquei me sentindo culpado, porque eu levei ela [...] eu me senti culpado por ter levado, embora que eu sempre levava e sempre buscava, só que aquele dia eu dormi, e eu nunca dormia quando ela saía, eu sempre ficava acordado e aquele dia eu dormi, eu me sinto culpado por ter dormido, se eu não tivesse dormido às 3:00 horas eu teria ligado pra ela e eu teria salvo ela, não teria evitado o acidente, mas teria salvo ela. (informação verbal).

Ocorreu uma divergência nas respostas apresentadas pelos pais e mães quanto à ansiedade e/ou ao desconforto diante da fala sobre o filho falecido. A maioria dos pais relatou ausência de ansiedade ou desconforto ao falar sobre a perda, em contrapartida, as mães relatam sentir alguma reação psicológica alusiva à fala.

De acordo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2012), há uma séria influência dos papéis tradicionais e culturais de gênero, que faz com que o homem assuma o papel de sexo forte, aquele que deve prover a estabilidade e segurança da família, não permitindo que este falhe na sua missão. O pai é geralmente mais inibido nas expressões da sua dor e recebe, em muitos casos, a dura missão de apoiar a mãe, como se este não sofresse tanto quanto ela, como se um homem, simplesmente por ser homem, tivesse nascido com o encargo de ser forte, imperturbável e impávido.

O P5 discorre “[...] não, a dor eu acho que é normal pra qualquer pessoa.” (informação verbal). Contrária à fala do pai, a M3 discorre sobre a ansiedade e o desconforto ao falar sobre a morte do filho: “[...] bastante, imagina, isso aí não tem como, só quem perdeu mesmo pra saber responder e eu não gosto nem de responder, é complicado [...]” As duas falas ilustram os mitos que acompanham homens e mulheres desde os primórdios, em que as mulheres ocupam o lugar de frágeis e indefesas, enquanto os homens sustentam papéis de intocáveis quando se trata da expressão dos próprios sentimentos.

A saudade de quem morreu é uma resposta normal à perda e quando ela diminui, pode ser sinal de que o luto está caminhando para sua finalização. O P1 discorre sobre a saudade quando fala da filha falecida “[...] vêm flashes de vez em quando, tu tem aquela saudade, e nós que perdemos, a gente sabe que aquela saudade, ela vem e te rasga o peito, te queima o peito, uma dor que parece uma faca atravessada e isso dá periodicamente [...]” (informação verbal).

Worden (2013) salienta a extrema importância de conhecer a ampla variedade de comportamentos e características que abrangem o processo de luto normal, assim como as experiências advindas das perdas. Desse modo, pode-se evitar a patologização dos comportamentos que devem ser considerados normais.

#### 4.4 CARACTERIZAÇÃO DO PERÍODO MAIS DOLOROSO APÓS A PERDA

Na Tabela 4 ficam eminentes os aspectos envolvendo o período mais doloroso após a perda.

Tabela 4 – Caracterização do período mais doloroso após a perda

Período	Pais	Mães
Todos os dias	2	2
Datas significativas	1	1
Velório	1	2
Primeiros dias	0	2

Fonte: os autores.

Houve um consenso entre os pais e as mães diante dessa pergunta. A dor constante é característica muito presente, assim como os primeiros dias que se seguiram após a morte. Como relata a M2, “[...] bom, desde que ele morreu, todos os dias são pra mim assim iguais, eu choro todos os dias, eu lembro dele todos os dias [...]” (informação verbal), comumente, o P3 descreve: “[...] então isso é uma angústia constante de correr atrás da tal da justiça, então ela é uma dor que não se apaga, além de você ter a dor, que ela é normal, é natural, entendeu, aí tem a dor da indignidade [...]” (informação verbal). Para Bowlby (2004), esse comportamento apresentado pelos pais é frequentemente encontrado na fase de anseio e busca da figura perdida: raiva, dentro de algumas horas, ou talvez de alguns dias após a perda, ocorre uma modificação de comportamento e o enlutado começa, embora apenas episodicamente, a assimilar a realidade da perda, isso o leva a crises de desânimo intenso e a espasmos de aflição e soluços lacrimosos. A busca incessante, a esperança intermitente, o desapontamento repetido, o pranto, a raiva, a acusação e a ingratidão são características da segunda fase do luto e devem ser encaradas como expressões da forte premência de encontrar e recuperar a pessoa perdida.

Outro dado relevante na Tabela 4 dispõe sobre as datas comemorativas; Silva (2011) ressalta que o primeiro ano de luto é considerado importante para o desenvolvimento do luto normal. Isso porque durante esse tempo acontecem as primeiras vivências na ausência da pessoa falecida. Ocasões como natal, ano novo, aniversários e demais datas significativas para a família podem ser dolorosas, pois reforçam a realidade da perda. De acordo com o relato da M4, “[...] mais doloroso foi nos primeiros dias, foi no primeiro mês, depois foi nas datas comemorativas, aniversário do pai, aniversário da mãe, natal [...], aniversário dele, é essas datas comemorativas e as datas significativas da família.” (informação verbal).

O velório também surge como um momento difícil na fala de mães e pais, ainda que mais presente no discurso das mães, M2: “[...] o momento pior é tu ver o caixão dele fechando ali, sabe, aquilo ali que te divide sabe, aquilo ali aí sim faz ver que não tem volta [...]” (informação verbal); para o P1 “[...] foi tá presente no velório, esse foi o período, eu não queria ter enterrado ela [...] não caia a ficha, não eu não queria deixar o corpo dela ali, não consegui acreditar naquilo.” (informação verbal). Apesar de dolorosos, os rituais de passagem, como o velório, ajudam muitos enlutados a avançarem na aceitação da perda (MELO, 2004), é muitas vezes nessa hora que a morte é percebida como real. Compartilhar a dor e receber o apoio da família e das redes sociais nesse momento constitui um passo crucial para a saúde mental do enlutado.

Conviver com a ausência do filho perdido todos os dias é uma tarefa dolorosa. E, mais do que isso, encontrar um significado para continuar a viver é aparentemente impossível. É diante dessa dualidade que a família, os amigos e o auxílio psicológico encontram um importante papel, o de acolher o enlutado.

#### 4.5 MUDANÇAS OCORRIDAS NA VIDA PESSOAL, FAMILIAR E SOCIAL

Diante das questões que nortearam as mudanças ocorridas na vida pessoal, familiar e social dos enlutados, algumas demandas vieram ao encontro da literatura disponível acerca da temática. De acordo com Bowlby (2004), as pessoas enlutadas podem começar a fazer as coisas da mesma maneira que eram feitas pela pessoa perdida, e algumas podem empreender atividades típicas da pessoa morta, apesar de nunca as terem praticado antes. Na fala da M3 é possível notar essa característica:

[...] agora eu já aceito os *gays* que eu não aceitava, eu sei que é errado, que é contra Deus, mas agora eu não tenho, eu não consigo tratar eles mal sabe, porque assim oh, quando eu voltei a trabalhar eram as pessoas que mais se aproximavam de mim eram eles, [...] foi uma das coisas que o meu filho me ensinou, tudo que o meu filho fazia agora eu vou continuar fazendo, ele não tinha preconceito com *gays*, ele não tinha preconceito com ninguém [...] tudo que “D” fazia eu continuei fazendo e tu acha que eu saio na rua gritando justiça, justiça, eu levo o meu *banner* o meu cartaz junto e fico bem quieta, eu não grito, sabe porque? E ele não gostava, ele odiava gritar, ele dizia assim pra mim quando eu e ele saia na rua: mãe, fala baixo que tem gente atrás da gente e vai ouvir o que a gente tá falando, aí mãe, fala baixo [...] tudo que ele fazia, sabe, eu sinto, quando eu vejo que tô fazendo igual, eu lembro dele [...] aí tudo que ele gostava, eu procuro fazer tudo que ele gostava sabe, então eu mudei um monte de coisas, aceito as coisas que eu não aceitava, que ele dizia, mãe todos são filhos de Deus, mãe eles são seres humanos, porém, diferentes de nós na personalidade de pensar, só que nós pensamos de um jeito e eles pensam de outro, só que a gente não pode julgar eles por isso, e aí agora quando eu enxergo uma coisa assim que ele falava pra mim eu lembro dele e é automático, aquilo vem pra mim [...] (informação verbal).

Quando a família passa pelo processo de perda, os papéis desempenhados pelos seus membros consequentemente se modificam e, de acordo com Worden (2013), o sobrevivente, na maioria das vezes, não está consciente de todos os papéis que até então eram desempenhados pela pessoa que partiu, essa percepção acontece somente após um período da perda. Os enlutados precisam ajustar-se aos papéis anteriormente desempenhados pela pessoa que faleceu. Na fala do P1, fica claro esse reajuste de papéis: “[...] pra mim, retornar ao meu trabalho foi difícil, agora que eu tô retornando ao trabalho, faz uns dois meses pra cá [...] meu filho, ele continua sendo o que ele era, e com a função que ele acumulou, algumas funções dela que também eu acumulei, porque ela era a gerente aqui [...]” (informação verbal).

Em consonância ao relato do pai, Bowlby (2004) descreve, na fase de reorganização, que a pessoa enlutada reconhece que é necessária uma tentativa para adotar papéis aos quais não está habituada e adquirir habilidades novas. Outro dado que engloba essa fase é a dificuldade que o enlutado enfrenta ao retomar a vida social, mesmo que em nível superficial. Em tais circunstâncias, a M1 relata, “[...] acho que eu amadureci de uma forma muito diferente, estranha, com muita dor, eu me afastei dos meus amigos, eu acho que não tem, embora eles me procurem, a gente até saia junto, eu já não tenho mais tanta vontade [...]” (informação verbal). Neste contexto, Sanches (2012) conclui que com o tempo, o enlutado perceberá que precisa aceitar e tomar as atitudes de acordo com a sua nova posição: mudanças quanto às finanças, local de moradia, novas tarefas, novas ocupações, enfim, uma vida diferente que deve ser investida, já que a visão de mundo da pessoa enlutada também mudará.

Quanto à relação com os demais filhos após a tragédia, a maioria dos pais/mães não hesitou em responder que a relação está bem e, conseqüentemente, tornaram-se mais próximos uns dos outros. A M4 relata: “[...] a relação se tornou de mais proximidade [...] hoje um telefonema pra um filho tem mais amor, tem mais palavras, tem mais sensibilidade, tem mais preocupação, é, eu acho que nós nos tornamos mais íntimos [...]” (informação verbal). Segundo Worden (2013), as famílias que enfrentam melhor o luto pela perda de um de seus membros são mais coesas, são mais capazes de tolerar diferenças individuais, têm comunicação mais aberta, incluindo maior compartilhamento emocional, encontram mais apoio e carinho, lidam mais ativamente com os problemas, são capazes de ajudar um ao outro a lidar com a morte e, por conseguinte, configuram uma família bem integrada.

Parkes (1998) ressalta o estigma que acompanha o processo de luto, o qual, para ele, refere-se à mudança de atitude que ocorre na sociedade quando uma pessoa morre. Os enlutados descobrem que as pessoas que sempre foram amigas próximas ficam sem jeito e tensas em sua presença. Parece que apenas aqueles que já passaram por uma experiência de perda ou que estão na mesma situação de luto ficarão perto. Denota-se essa situação na fala do P3:

[...] conheci pessoas que eu nunca tinha conhecido, muitas pessoas com as mesmas dores [...] os que você tinha muita intimidade se afastaram e os que você tinha menos intimidade se aproximaram, entendeu, aqueles que iam na tua casa, ah, tinha churrasco, aniversário, não sei o que, se afastaram e tavam sempre junto, e os que você menos tinha intimidade se aproximaram mais, entendeu, houve uma inversão de valores né, um que estava mais próximo poderia ficar né, às vezes o que tava mais próximo tem medo de ficar por não saber como lidar [...] (informação verbal).

Para Feliú (2009, p. 21), “[...] a obrigação de o enlutado sofrer, só e às escondidas, o recalque da dor e a interdição de sua manifestação pública agrava consideravelmente o trauma devido à perda de um ente querido”, por isso a importância da escuta e de uma educação para a morte, pois em muitas situações não se sabe como agir e acolher os enlutados diante da perda e talvez de forma “ingênua”, acaba-se acreditando que logo após o falecimento do ente querido a aceitação da morte se concretize, crendo erroneamente que este será um processo fácil. Quando questionado sobre como foi enfrentar a perda com todo o país envolvido, o P4 ilustra a fala da autora:

Olha, pra nós foi difícil, porque foi mais fácil nós recebermos apoio de longe do que da nossa própria cidade, porque no dia da tragédia houve bastante solidariedade aqui e depois, ao passar dos dias, o povo já começou se cansar, porque aí que começou, porque nós assim oh nós não tivemos o direito a ficar em casa curtindo o luto, nós tivemos que partir direto do luto pra luta né, ir pras ruas, então isso aí foi fazendo um cansaço nas pessoas, as pessoas desde cedo achando que a nossa luta já era demais, demasiada, então a gente só começa entender as coisas quando a gente, quando é cortado da própria carne né, porque daí a gente começo a entender [...] então na nossa própria cidade estão fazendo uma campanha até contra a gente porque nós somos aqui, estamos sendo culpados do comércio ter parado, fomos culpados, os empresários botaram a culpa em nós porque não alcançavam os objetivos de venda e coisa e tal, mas eles têm, eles com certeza tão com todos os filhos e filhas deles dentro da casa deles né, [...] então criou uma grande polêmica, então é que a cidade ficou atrasada né, movida por estudantes, aí então houve um grande susto, o pessoal se assustou e daí foi uma matéria de campanha pro próprio comércio, pros empresários se voltarem contra nossas ações né em relação, mas sempre pensando na parte financeira [...] (informação verbal).

Chambel (2007) traz exatamente esta questão quando diz que é comum se ouvir dizer que é preciso seguir em frente. Na maioria das vezes que se demonstra essa falta de afeto, pode-se sugerir duas coisas: desculpa, mas eu não tenho tempo de ouvir os teus lamentos e, por favor, não acordes em mim um sofrimento do tamanho do teu. O

que pode levar as pessoas em processo de luto a se perguntar se têm o direito de estarem tristes e se esse misto de sentimentos é normal.

#### 4.6 RESSIGNIFICANDO A MORTE

Partindo da verbalização dos pais e mães sobre o fenômeno morte, ficou perceptível a compatibilidade com a descrição feita por Bromberg (1997) de que qualquer visão do significado da morte será multifacetada, composta por fatores predeterminantes de ordem cultural, histórica, ética, religiosa e psicológica. Nesse viés, o P1 descreve a morte:

Pra mim a morte na verdade é uma transformação, na verdade, a morte é uma maneira de tu continuar uma nova vida, é, eu preciso acreditar nisso e hoje eu já não tenho medo de morte, não tenho medo de morrer, é pra mim é como se fosse uma passagem mesmo eu acredito que, eu preciso acreditar, e, é o que eu planto essa crença nos outros, que nós vamos nos encontrar e que a vida lá em cima ela continua, agora, se existe a reencarnação, se existe a volta eu não sei, acho que ninguém tem 100% de certeza disso, talvez nós imaginamos isso, mas isso é uma questão que cada um confia na maneira que quer [...] então eu acho que a morte é uma transformação, um término nessa vida e uma continuação na outra [...] e eu creio, mas espero que eu esteja certo disso, que realmente eu acredito que realmente seja essa a grande verdade. (informação verbal).

Neste contexto, a morte para Combinato e Queiroz (2006) apresenta-se como um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto sociocultural e histórico em que se manifesta. Nesse contexto, é notório que após o falecimento dos filhos, a morte foi atribuída como forma de reencontro entre os entes queridos; esse novo significado pode ser constatado na fala da M2: “[...] não vejo ela como um fim né, eu tento todos os dias acreditar que um dia a mais que me aproxima dele né, que todo mundo que tá aqui um dia vai se encontrar, é disso aí que a gente vive né, na esperança do reencontro [...]” (informação verbal). De maneira semelhante, o P4 discorre a seguir:

[...] eu agora tô acreditando que a morte, a morte não existe, não existe porque é apenas um meio é de passagem de uma fase, de uma fase da vida pra outra [...] porque até um tempo atrás eu entendia que morreu e acabou né [...] a gente acabou entendendo que pelo menos a morte é apenas mais uma passagem, uma fase pra outra e que a gente se encontra nessa outra fase, é o que a gente espera né, é o único meio da gente se encontrar agora com aqueles filhos que nós tanto amávamos né, é só na outra fase, então vamos apostar que seja isso mesmo, que seja verdade. (informação verbal).

Parkes (1998) relata que, de maneira geral, os pais concordam que a morte de um filho é mais dolorosa do que a morte de qualquer outro membro familiar (irmãos, pais, tios, etc.). Em consonância a isso, a M4 verbaliza sobre a morte:

A morte, a morte, eu encarava a morte quando perdi pai, quando perdi avô, quando perdi minha irmã como, assim oh, como um mistério e ao mesmo tempo algo natural que todo mundo tem que passar [...] dependendo da forma da morte com doença, com sofrimento muito forte que não tem volta, uma aceitação maior, que foi o caso da minha irmã [...] mas com a morte do meu filho eu encaro a morte de momentos assim de duas maneiras [...] a morte do meu filho eu vejo assim, um aquele impacto que eu sofri né, porque não era ele que tinha que ir primeiro, primeiro teria que ser eu, eu que cheguei primeiro nesse plano e aí [...] eu faço essa separação do físico e do espírito, quando eu penso no físico eu fico muito mal, porque aí eu penso no meu filho, ele como eu conheci, como eu amei, como eu vi crescer, como eu amamenteei, como eu vi chorar, como eu troquei fralda, como eu o levei pra escola, a adolescência, jovem, brincalhão né, ativo, trabalhador, um guri legal, e aí eu vejo assim como uma ruptura, eu vejo ele inerte, eu vejo ele morto, secando, num tumulto, aí fica essa realidade cruel, que aí essa eu não consigo saber aceitar, e aí eu desmembro isso aí pro espírito, daí eu vejo meu filho só em um plano sutil leve, luz, paz e aí eu vejo o meu filho vivo, meu filho vive, meu filho vive, então eu vivo sempre entre essa duas situações [...] oras eu caio na realidade que o meu filho matéria morto, oras meu filho espírito vivo e eu vou vivendo dessas duas situações. Então a morte pra mim, eu ainda não consegui ver só ele vivo no plano espiritual, pra mim, tem momentos que o meu filho tá morto é uma coisa muito, muito diferente de como eu encarei a morte do meu pai, como eu encarei a morte do meu vô, da minha irmã, muito diferente. (informação verbal).

O processo... (20--) descreve a morte como sendo considerada um processo psíquico bastante angustiante, no sentido de que nos deparamos com o "não saber", o qual, para Kovács (2002, p. 93), "[...] é uma das coisas mais apavorantes para o ser humano. Perde-se a capacidade de controle, fica-se submisso a algo desconhecido e isso é desesperante." Divergindo da ideia dos autores, o P3 descreve "[...] morrer é a única coisa certa, nós que não aprendemos lidar com isso né, a gente deveria ter sido criado pensando que o morrer é certo, e a gente acha que nós somos eternos né, parece que quem morre é os outros né, nós não morremos né, ah o vizinho morreu [...]" (informação verbal).

Diante das falas dos participantes da pesquisa a respeito da morte, é notória a importância da crença do reencontro, por meio da qual, a dor da perda ameniza-se e dá lugar ao reconfortante sentimento de esperança. Apesar de ser a morte a responsável por romper de forma abrupta e dolorosa o elo entre pais e filhos, ela também é vista como a única forma de voltar a uni-los, provocando um sentimento de ambivalência nos enlutados. Por fim, a morte e o processo de luto é o preço que pagamos por amar aqueles que partiram.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito da morte e do luto, fica evidente que ambos os fenômenos despertam olhares curiosos, porém, receosos. Ficou perceptível que não há uma maneira de padronizar as atitudes dos enlutados frente à perda, existe, sim, um processo que todos passam e elaboram ou não a seu modo. Entende-se o processo de luto não somente com as fases e estágios comumente descritos na literatura, mas, como um amplo conjunto de reações físicas e psicológicas que advêm da perda e passam a influenciar a vida pessoal, familiar e social do enlutado. Este pode perdurar por semanas, meses, anos, ou até mesmo acompanhar o enlutado até o fim da sua vida. Nesse contexto, o enlutado tem todo o direito de externalizar sua dor, seja pelo choro, seja pela raiva ou até mesmo lembrando e verbalizando sobre o ente querido falecido, na busca de conforto pela perda.

A constatação encontrada na pesquisa a respeito da morte é que com ela vem a dolorosa afirmação do nunca mais, ou seja, nunca mais ter a oportunidade de abraçar aquele que partiu, nunca mais senti-lo, nunca mais abraçá-lo, nunca mais ouvi-lo e nunca mais ter a oportunidade de dizer tudo aquilo que está guardado e não houve tempo para ser dito. Portanto, a crença em um reencontro em outro "plano" constitui um papel importante e positivo sobre os pais e traz consigo a sensação de esperança ao mesmo tempo em que os conforta.

Não obstante, na sociedade atual, é permitido e esperado que as mulheres (conhecidas como o sexo frágil) exteriorizem suas emoções e sentimentos, enquanto o homem em seu papel social e cultural tende a permanecer intacto e inabalável diante das situações de desespero. Percebe-se, então, que esses papéis que se assume diante de uma sociedade culturalmente impregnada de mitos e crenças, muitas vezes são errôneos, e não provam a existência de uma diferença no modo de vivenciar as perdas e tragédias que a vida impõe, portanto, os homens sofrem tanto quanto as mulheres, ou ainda mais, pois se sentem reprimidos e ficam calados diante dos seus anseios.

Um fator que pode ser agravante no luto dos pais participantes da pesquisa é a sensação de desamparo, a qual tem presença muito forte no discurso de todos os sujeitos pesquisados. Essa sensação sucede do total descaso na resolução legal da situação que resultou na morte dos 242 jovens de Santa Maria. Em tais circunstâncias, se nada for feito legalmente diante do acentuado aumento de violência, tragédias e catástrofes, teme-se que essa sensação de desamparo seja cada vez mais presente na sociedade e traga consigo grandes prejuízos na saúde mental dos enlutados.

Por outro lado, diante dessas situações trágicas, as pessoas acabam amadurecendo e desenvolvendo uma capacidade maior de resiliência em relação às que tiveram a felicidade de não passarem por circunstâncias semelhantes. Esse foi um aspecto positivo da pesquisa. Os pais e mães conseguiram se organizar e apoiarem-se uns aos outros, por meio da AVTSM e demais movimentos que nasceram diante da perda dos entes queridos, assim os enlutados acabam compartilhando experiências e promovendo ações sociais, visando transformar essa tragédia em uma lição positiva, levando informação e desenvolvendo ações beneficentes, tornando esse processo mais "fácil" de ser enfrentado. Entretanto, há uma preocupação com o que possa acontecer, caso, em algum momento, a associação de vítimas e familiares de Santa Maria deixe de existir, já que por meio dela muitos pais e mães mantêm-se firmes diante da perda. Salienta-se a importância de um trabalho que vise a estratégias para que, ao conseguirem atingir os

objetivos propostos pela associação, não haja um novo processo de luto doloroso, já que este ocorre não apenas na situação da perda de ente queridos.

Ficou evidente que há escassez de pesquisas e estudos sobre o luto como processo posterior à morte no Brasil; uma hipótese a essa escassez advém da complexidade que o tema abrange. A cultura e a sociedade de modo geral impõem a maneira que o processo de luto deve ser vivido, como se este fosse cabível de modelos e regras. Desmistificar este processo, acolher e desenvolver maneiras de preparar as pessoas para as inevitáveis perdas sofridas durante toda a vida, assim como preparar-se para as mais variadas reações provocadas pela perda constitui um papel essencial para os profissionais da saúde. Cabe, também, uma educação voltada para a morte de tal modo que esta seja respeitada e os ritos de passagem possam contribuir na elaboração e na compreensão dos enlutados, sem pressões e, portanto, sem rótulos da sociedade. Entender o processo de morte, assim como se entende e se vibra a vida, é de fundamental importância para que se saiba lidar com ele de maneira que o sofrimento seja o menor possível.

Torna-se importante uma compreensão, mesmo que breve, sobre a temática proposta neste artigo, oportunizando uma melhor acolhida e efetiva ajuda aos enlutados. Além disso, aprofundar os estudos sobre a morte e luto agregará novos conhecimentos científicos acerca dessas temáticas, beneficiando não somente a comunidade científica, mas os indivíduos de modo geral.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA NAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES. **Missão**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.abrapede.org.br/abrapede/missao/>>. Acesso em: 09 maio 2014.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://apav.pt/carontejoom/>>. Acesso em: 02 jul. 2014.
- BARRENECHEA, Miguel Angel. O espaço da tragédia: lugar das intensidades e das diferenças. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 14-27, 2013. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/v6n1/barrenachea.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2014.
- BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 35-43, 2011. Disponível em: <[http://www.rbtc.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=138](http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=138)>. Acesso em: 05 ago. 2013.
- BOWLBY, John. **Perda, tristeza e depressão**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. Luto: a morte do outro em si. In: BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco et al. (Coord.). **Vida e morte: laços da existência**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. **A psicoterapia em situações de perda e luto**. 2. ed. São Paulo: Editorial Psy Ltda, 1997.
- BRUCK, Ney Roberto Vátimo. **A Psicologia das Emergências: Um estudo sobre angústia pública e o dramático cotidiano do trauma**. 2007. 195 p. Tese (Doutorado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- CARVALHO, Cátia Daniela Rodrigues. **Luto e religiosidade**. 2006. 88 p. Monografia (Licenciatura em Psicologia)–Instituto Superior da Maia, Portugal, 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0059.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2014.
- CHAMBEL, Hélder J. F. Processo de luto e humanização da morte – coordenadas de um percurso emocional. **Psicologia. PT**, 2007. Disponível em: <[http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_opiniao.php?codigo=AOP0122](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0122)>. Acesso em: 05 ago. 2013.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 209-216, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. Pesquisa quantitativa e qualitativa. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

FELIÚ, Ximena. **Enfretando a morte**: a experiência de luto em famílias de doadores de órgãos. 2009. 78 p. Monografia (Curso de Aprimoramento Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto)–4 Estações Instituto de Psicologia, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.lacospsicologia.com.br/saude/artigos/monografia\\_ximena\\_feliu.pdf](http://www.lacospsicologia.com.br/saude/artigos/monografia_ximena_feliu.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2013.

FREITAS, Neli Klix. **Luto materno e psicoterapia breve**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MELO, Cecília Araujo; SANTOS, Felipe Almeida. As contribuições da psicologia nas emergências e desastres. **Psicólogo informação**, São Paulo, ano 15, n. 15, p. 169-180, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/3177/3045>>. Acesso em: 09 maio 2014.

MELO, Rita. **Processo de luto**: o inevitável percurso face à inevitabilidade da morte. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2004. Disponível em: <<http://groups.ist.utl.pt/unidades/tutorado/files/Luto.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

O PROCESSO de elaboração do luto. **CEDIC**, Fortaleza, [20--]. Disponível em: <<http://www.cedicfortaleza.com.br/artigo3.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial. 1998.

PASSARO, Bianca Mocci; GERARDI, Clecia Bastos. **Como eu vivo é a maior homenagem para meu filho...** 2006. 114 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–Universidade São Marcos, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/186.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

SANCHES, Vânia de Mello Catelan. **Luto materno e o vínculo com o filho substituto**. 2012. 123 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=14437](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14437)>. Acesso em: 18 set. 2014.

SILVA, Claudete Cassimiro da. A morte e a elaboração do luto na visão de alguns autores. *Psicologado*, 2013. Disponível em: <<http://psicologado.com/atuacao/tanatologia/a-morte-e-a-elaboracao-do-luto-na-visao-de-alguns-autores>>. Acesso em: 04 maio 2014.

SILVA, Daniela Reis. **E a vida continua...** O processo de luto dos pais após o suicídio de um filho. 2009. 240 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=10433](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10433)>. Acesso em: 08 ago. 2013.

SILVA, Mariana Santiago de Matos. **"Teclando" com os mortos**: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto. 2011. 152 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710425\\_11\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710425_11_pretextual.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2013.

WORDEN, Willian James. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**: um manual para profissionais da saúde mental. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.